

Sobre a Luz, Rafael, Museu do Vaticano

Mário Cláudio*

Alguém a diz igual a tudo, a nada. Aí a encontramos, a facetar os cipres-tes, a lancetar os olhos. Ignoramos os caminhos que leva, não se extingue. E na multidão dos escribas, dos epilépticos, estamos com as putas de cabelo ao vento. Dela nos despedimos, aspirando à ceia, quando a tarde vai no fim. Ninguém ousa abraçá-la na impaciência do sono. Acertamos a pupila ao lugar onde se apagam as cores, as linhas degeneram, triunfa a névoa do Tibre. Que relâmpago nos assiste, toscos viandantes entre penas e pincéis? Chamamo-la pelo nome, *Transfiguração*. Rendemo-nos à penumbra da sesta, indecisos entre obediência e glória. Pelas veredas da febre retomamos o percurso, cegos de horizontes, artífices do medo. Molha-nos a túnica a transparência do dia. E ninguém nos explica o mundo, nem o sopro sobre as águas. Dela se tece a noite, asa do melro azul, quartzo do Monte Tabor. Não existe, é.

* Escritor.